

**REFLEXÕES SOBRE AS COMPETÊNCIAS LINGUÍSTICAS NA FORMAÇÃO DO
INTÉRPRETE DE LIBRAS E DO BRAILLISTA NO CURSO SUPERIOR DE
TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO ASSISTIVA: LIBRAS E BRAILLE/PUCMINAS/BH.**

Profa. Dra. Denise Queiroz Novaes– deniseqn@pucminas.br

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUCMINAS

Eixo temático: Formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais

Modalidade: Pôster

Resumo

As reflexões apresentadas abrangem o campo dos Estudos Linguísticos em Língua Portuguesa na interface com os Estudos de Tradução e da Interpretação em Libras, com foco na formação do Intérprete de Libras e do Brailista, no “Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Assistiva: Libras e Braille”, oferecido pela PUCMINAS/BH, no que tange à formação linguística desses profissionais. Sabe-se que a tarefa de mediação de processos comunicativos implica a responsabilidade da tradução e/ou transcrição de conversas bem como de materiais escritos, entre modalidades de língua escrita, oral e/ou sinalizada, com o compromisso ético de interpretar corretamente a mensagem a ser veiculada entre os interlocutores. É estabelecido um contrato comunicativo com as pessoas surdas e com as pessoas cegas, pois os referidos profissionais são formados com o objetivo de atuarem na viabilização do acesso ao conhecimento em sua própria língua, a Libras, e/ou código - no caso do Braille, ou ainda nas 02 modalidades, no caso da pessoa surdo cega. Além do domínio da Libras e do Sistema Braille, um conjunto de competências linguísticas em Língua Portuguesa serão necessárias ao efetuar a transposição de conteúdo, com os ajustes de linguagens típicos de cada modalidade; o que, certamente, demandará, também, conhecimentos sobre a cultura dessas comunidades, como se relacionam e percebem o ambiente em que vivem, seu histórico de inclusão social, a imposição do bilinguismo, entre outras especificidades. Dessa forma, a proposta é discutir sobre fundamentações linguísticas que deverão nortear a formação desses profissionais de inclusão social, mais especificamente, na dimensão formativa do Intérprete de Libras, foco específico deste Congresso.

Palavras Chave: Libras; Braille; Língua Portuguesa; Linguística; Estudos de Tradução; Interpretação; surdo; cego.

Introdução

As legislações brasileiras para a acessibilidade vêm impulsionando a demanda de formação de profissionais para atuarem como agentes mediadores da inclusão. A regulamentação dessas ocupações promove um repensar sobre o currículo dessa formação. Profissões como a de Intérprete de Libras, que foi recentemente reconhecida pela Lei nº 12.319/2010, e como a de Transcritor e de Revisor de Texto Braille, já em tramitação no Senado, atualizam as discussões sobre as competências requeridas no exercício dessas funções bem como a dimensão científica envolvida nesse processo eminentemente de base linguística.

Antevendo esse cenário, a PUCMINAS/BH criou, em 2006, o “Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Assistiva: Libras e Braille”. O Curso tem como objetivo de formar profissionais graduados para atuarem na mediação comunicativa entre ouvintes e pessoas surdas, entre videntes e pessoas cegas, e/ou surdo cegos. Os alunos são capacitados para a tradução e a interpretação em Libras, bem como para efetuarem adaptações de livros e jogos, entre outros recursos, e na produção e transcrição de textos para o Braille, além do conhecimento e uso das tecnologias assistivas disponíveis para essas comunidades, contribuindo, dessa forma, para romper as barreiras comunicativas.

Após 04 anos de experiência e com 06 turmas formadas, foram efetuadas várias mudanças no currículo, para contemplar as demandas do mercado de trabalho, mas também para acompanhar as discussões acadêmicas dos “Estudos de Tradução” em Libras. Foram assim definidos 02(dois) níveis de formação: a de Brailista, com a conclusão do Módulo I, do 1º ao 3º período; e a de graduado em Comunicação Assistiva: Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Libras, ao final do Módulo II, do 1º ao 5º período. Nosso compromisso é com a excelência das mediações comunicativas, procurando formar um profissional de inclusão com visão ampla, num contínuo de formação: graduação tecnológica e pós graduação, com a Especialização em Tradução e Interpretação em Libras, também oferecida pela Universidade.

O Curso pertence ao Departamento de Letras; portanto, considera-se relevante pontuar a opção da Universidade por manter a modalidade tecnólogo, e de não ofertá-lo como licenciatura com ênfase em Libras. Essa escolha se deve ao fato de que o Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Assistiva: Libras e Braille tem atendido satisfatoriamente às demandas de capacitação profissional

do Intérprete de Libras, e que, na atualidade, é o único curso, no Brasil, que forma profissionais Braillistas em nível superior.

Método

Podemos distinguir na grade curricular do Curso núcleos de formação. Os alunos estudam conteúdos relacionados à Língua Portuguesa e Linguística, como Leitura e produção de textos, Semântica e Semiótica no processo comunicativo e Morfossintaxe; Ética, valores sociais e humanitários, na Filosofia e na Cultura Religiosa; Pesquisa Científica com Projetos de Formação Tecnológica para reflexões científicas e intervenções práticas em espaços institucionais. Nas áreas específicas, Estudos de Tradução e de Interpretação LP/Libras/LP e a Linguística da Libras; Fundamentos da Educação das Pessoas Surdas e das Pessoas Cegas, bem como Identidade e Cultura dessas Comunidades, e Linguagem Corporal; o Sistema Braille, a Leitura, Escrita e o Cálculo nesse sistema, as Normas Técnicas para Produção, Adaptação e Transcrição de materiais em Braille. Há atividades práticas no Laboratório de Tecnologias Assistivas da PUCMINAS, para o estudo das ajudas técnicas inclusivas. Já nos grupos de pesquisa são propostas discussões sobre a Líbras e o Sistema Braille, em suas relações com outras línguas, além dos Seminários que ocorrem em todos os semestres.

No núcleo de Língua Portuguesa, tema foco de nossas reflexões, neste trabalho, temos 03 disciplinas contemplam o processo comunicativo e modalidades, com ênfase na Análise da Conversação e Retextualização; as dimensões textuais, no que tange à Análise do Discurso e aos gêneros; e as dimensões estruturais, com foco nos estudos de fenômenos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos implicados nos processos de produção e recepção de textos orais e escritos. Há, ainda, 02 disciplinas de “Princípios de Linguística e de Comunicação”, nas quais se estuda a linguagem como processo biológico, cognitivo, social e cultural, além das abordagens cognitivas e psicossociais do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Como uma disciplina de interface, temos ainda, “Linguagem, cognição e deficiência sensorial”.

Para essa análise reflexiva, empregamos como base, as fichas semestrais de avaliação do Curso, preenchidas por alunos e professores do Curso, a partir da Alteração Curricular de 2010, com o cruzamento do Projeto Pedagógico inicial do Curso.

Resultado

Resguardadas as proporções deste trabalho, serão aqui enfocados apenas os aspectos relativos à Análise da Conversação (AC) e à Retextualização, consideradas como princípios fundamentais da formação, pois entende-se que a AC permite reflexões importantes sobre os processos interlocutivos, especialmente no que tange às interações em Libras; já a retextualização pode contribuir para o repensar sobre as transformações textuais, com mudanças de língua e de modalidade.

Podemos afirmar que temos duas modalidades de uso da Língua Portuguesa: a língua oral e a língua escrita, as quais possuem estrutura linguística lógica descrita em gramáticas tradicionais e nas gramáticas do Português Falado. Marcuschi (2001, p.19) demonstra que a “escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana em paralelo direto com a oralidade”. Não podemos separar drasticamente as modalidades; ambas são empregadas, muitas vezes, simultaneamente.

Segundo Val (1996, p.17),

a fala seria uma forma de produção textual-discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. A escrita seria, além de uma tecnologia de representação abstrata da própria fala, um modo de produção textual discursiva com suas próprias especificidades.

Há que se admitir que possuem diferentes condições de produção. No caso da interlocução oral, os parceiros estão presentes fisicamente na situação comunicativa; o planejamento e a execução acontecem concomitantes. Percebe-se o uso de recursos de autocorreção e falsos começos, a presença de repetições, digressões e retomadas do tema, sempre com o objetivo de manter a interação que, nesse caso, mantém relação estreita com o contexto comunicativo. Isso leva a uma rapidez no processamento, a uma mutabilidade e instabilidade, que se contrapõem à lentidão da produção escrita e à estabilidade da linguagem escrita. Há, no texto falado, uma coautoria, uma interferência direta do interlocutor na composição do discurso. Já a modalidade escrita possui condições de produção distintas. O interlocutor está ausente; portanto é considerada descontextualizada, no ponto de vista da recepção. O autor (produtor) tem o tempo suficiente para planejar, refazer e avaliar seu próprio texto, antes de verbalizá-lo. Outro ponto importante, segundo

Val (1996), é lembrar que o leitor não participa, nem presencia o processamento do texto escrito; apenas recebe o texto final já revisto. Portanto, o discurso escrito chega a ser mais autônomo, mais independente do contexto do que o texto oral, dispensando todo apoio extralinguístico que a língua oral pode oferecer. A relação fala e escrita revela naturezas diferentes e características peculiares, pois são geradas condições de produção diferenciadas. Estudos recentes levam a encarar as duas modalidades da língua, como práticas sociais de igual valor, utilizadas de forma adaptada a cada situação.

No entanto, como o tradutor ou intérprete sempre estará entre duas línguas, necessárias serão as transformações textuais. Segundo Coracini (2005), o tradutor é um sujeito bilíngue que transpõe as informações de uma língua para outra em contextos diferentes, considerando demarcações culturais e formais. A retextualização é caracterizada pelo conjunto de atividades realizadas para a transformação de um texto. Essas transformações exigem competência do usuário da língua, enquanto ser social, de transformar um texto em outro através da utilização de operações discursivas bastante complexas. Os estudos desenvolvidos por Marcuschi (2001) sobre a retextualização contribuem de maneira eficaz para a reflexão sobre o processo de (re)produção textual bem como sobre o exercício de compreensão de texto. Marcuschi trata a retextualização como um processo que envolve complexas operações que vão interferir tanto no código como no sentido do texto produzido. Sempre que reproduzimos a fala de alguém ou fazemos citações, por exemplo, fazemos modificações, recriando e reformulando-o, transformando uma fala em outra. A partir dessa premissa, o autor desenvolveu um estudo minucioso sobre esse processo, buscando estabelecer um modelo de análise do grau de consciência dos usuários da língua em relação às diferenças entre a fala e a escrita, na transformação dos textos.

Discussão

De modo geral, considera-se que a Análise da Conversação (AC) e a Retextualização como bases fundamentais para a formação de Intérpretes de Libras e de Brailistas, uma vez que esses profissionais irão proceder transformações textuais com mudanças de língua e de modalidade, em diferentes situações comunicativas. São requeridas desses profissionais refinadas habilidades de compreensão de textos e amplo conhecimento para transposições do texto fonte para o novo texto na língua alvo, sendo necessário, para tanto, os ajustes de linguagem típicos de cada modalidade de uso da língua.

Conforme afirma Vasconcelos (2010)

(...) as atividades de tradução e interpretação sempre foram exercidas por indivíduos na função de mediadores em interações em que a barreira linguística impediria a comunicação, seja de textos escritos ou textos orais, no contexto de uma prática oficiosa. Com o passar do tempo, esses tradutores e/ou intérpretes se transformaram no profissional 'tradutor/intérprete' e as artes da tradução/interpretação foram, lentamente, consolidando-se como um conjunto de competências passíveis de ensino/aprendizagem, passando a constituir o ramo aplicado do campo disciplinar hoje conhecido como Estudos da Tradução. (p.122)

Alves (2003) ressalta que utilizamos estratégias cognitivas, com a ativação dos conhecimentos prévios, “que abrange nossos conhecimentos enciclopédicos, incluindo-se nele toda nossa bagagem cultural, e o conhecimento procedimental que nos ensina como utilizar o que já conhecemos.” Esse conhecimento de mundo se constitui como um “ponto de partida” para o processamento das informações no processo interlocutivo. O autor ainda reforça que “a capacidade de nos lembrarmos dos fatos que já aprendemos, juntamente com a capacidade de estabelecer inter-relações entre eles, ou seja, a capacidade de produzir inferências, são os dois pontos principais de apoio interno de que dispomos.” (2003, p.57).

Nessa brevíssima apresentação, pode-se concluir que a competência linguística certamente propiciará o desenvolvimento de interpretações e traduções, bem como transcrições de textos, com maior qualidade e equivalência significativa, garantindo um grau desejável de fidelidade entre os textos. Permito-me afirmar, ainda, que os Estudos de Tradução em Libras estão mobilizando os pesquisadores, linguistas principalmente, e ampliando as discussões em torno da produção de sentido nas interações face a face. Concluo essa apresentação, acenando para o rico campo de estudos que temos pela frente.

Referências bibliográficas

ALVES, F. Estratégias de busca de subsídios internos: memória e mecanismos inferenciais. In: ALVES, F. MAGALHÃES, C. PAGANO, A. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2003. Cap. 4. p.57 - 70.

CORACINI, M.J.R.F. **O Sujeito Tradutor Entre a “Sua” Língua e a Língua do Outro**. Cadernos de Tradução. PGET – UFSC, nº XVI, 2005/2.

MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da conversação**. 3 ed. São Paulo Ed. Ática, 1997. (Série Princípios)

MARCUSCHI, Luiz A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

PUCMINAS. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Assistiva: Libras e Braille**. PROGRAD: Belo Horizonte, 2006. Alteração Curricular, 2010.

QUADROS, Ronice Muller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2003.

VAL, Maria da Graça Costa. **Entre a oralidade e a escrita: o desenvolvimento da representação de discurso narrativo escrito em crianças em fase de alfabetização**. Belo Horizonte. FAE/UFMG, 1996. (Tese de Doutorado).

VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Tradução e interpretação de língua de sinais (tils) na pós-graduação: a afiliação ao campo disciplinar “estudos da tradução”. Universidade Federal de Santa Catarina. **Cadernos de Tradução**, ISSN 2175-7968, Florianópolis, Brasil. v. 2, n. 26, 2010, p.119-146.